

**Barão de Eschwege (1777-1855)**  
**Os anos da juventude e formação**

Cláudia de Cássia Pessoa

Mariana  
2017



Retornamos no tempo, para os últimos anos do século XVII, e os primeiros do século seguinte; voltemos também no espaço para um dos estados da Alemanha, província de Hesse-Cassel. Nessa região de serras cobertas por florestas, não faltavam terras fertilizadas, próprias para a agricultura e criação de animais; muitas famílias se mantinham com seus trabalhos manuais, outras se dedicavam à indústria, já bem desenvolvida para aquela época. O comércio desfrutava situação privilegiada, a sua localização, entre os rios Verra e Vesper, oferecia um caminho natural para o mar, possibilitando um intenso comércio por suas águas.

A nossa pesquisa mostra que, o povo de Hesse era considerado “forte e tenaz”, encontramos também muitas referências desse povo, como um povo “ordeiro e trabalhador”; dedicavam-se com paixão à suas ocupações e, viviam de maneira bastante modestas.

Os documentos nos revelaram que os senhores de Hesse reinavam em absoluto, não hesitavam em lançar mão de medidas “drásticas” para neutralizar todo e qualquer sentimento de oposição, que por ventura se manifestasse em seus súditos.

Em uma terra distante dali, a aurora de um novo mundo já se delineava no horizonte. Na América do norte, em 1776, os 13 estados unidos declaravam sua independência; fato histórico que ecoou por todo o mundo civilizado, não somente no Reino Unido.

Na província de Hesse, o fato repercutiu de maneira excepcional. Os britânicos tiveram de comprar o apoio dos soberanos de todo o continente neste enfrentamento

para reaver suas colônias, entre eles, o senhor de Hesse que, de 1776 e 1784, enviou “22.000 soldados ao custo de 21 milhões de taláres”.

Após o final de batalha, seguiu-se a revolução francesa em 1789 e as guerras napoleônicas que, estremeceram toda a Europa, desde a Rússia no Oriente, até Portugal no Ocidente. Neste período conturbado da história, Hesse, bem como muitas outras regiões do continente, haviam pago os seus tributos de guerra, com o sangue de seus filhos.

Na província de Hesse, próximo ao rio Verra, está situada a velha e pequena cidade de Eschwege, fundada segunda uma lenda muito recorrente, pelo próprio Carlos Magno.

Na época a que nos referimos, a pequena cidade de Eschwege contava apenas alguns milhares de habitantes, porém, já exibia a sua vocação industrial, atividade que a distingui, até os dias de hoje.

Vivia então em Eschwege, uma família de igual nome. Em tempos medievais, os barões de Eschwege eram proprietários de castelos, feudos e aldeias. No decorrer dos séculos, essas propriedades foram se perdendo ao ponto de serem bastante reduzidas. No período em que viveu o nosso biografado, contava tão somente com uma grande propriedade rural denominada “Die Aue”, próximo a cidadezinha.

Die Aue era formada por um conjunto de edifícios destinados à moradias, celeiros, estábulos e administração. Nesta fazenda residia o barão João Cristiano Luís de Eschwege (1746-1798) que, exercia o cargo oficial de chefe político e administrativo no distrito de mesmo nome.

Da união do barão com uma bela jovem da tradicional família Mosbach, nasce em 15 de Novembro de 1777, o nosso biografado, filho primogênito, Guilherme Luís, que com outros dois irmãos mais novos, Carlos e Ernesto; seriam os continuadores da antiga família Eschwege.

A casa paterna, austero edifício construído em 1576, estilo enxaimel, dois pavimentos, telhados pontiagudos e altos, impressionava pela sua arquitetura particular e pelo seu tamanho. Nesta grande casa, os jovens barões passaram uma juventude feliz e despreocupada, contavam com a proteção do convívio da família, e um certo prestígio que possibilitava uma boa situação, mesmo não sendo muito rica.

As primeiras letras das crianças foram ensinadas pelo pároco da cidadezinha; este mesmo pároco, vimos que mais tarde, foi contratado como preceptor dos meninos para ensiná-los latim, francês e outras disciplinas do ensino secundário. O certo barão de Knigge, renomado escritor e “educador”, amigo dos pais dos jovens Eschwege, também procurou exercer uma certa influência na educação dos garotos; porém, o método pedagógico deste pseudo “educador”, consistia na aplicação de severos castigos

corporais; essa prática ia contra os princípios do bondoso barão de Eschwege, além de ter deixado marcas indeléveis no filho mais velho: “Sentia-me como um refém!”, confessou mais tarde, Guilherme ao seu amigo Varnhagen, amigo que ainda falaremos bastante. Em Aue, as relações entre pais e filhos eram marcadas pelo profundo respeito e sentimentos religiosos compartilhados com a comunidade, em cultos celebrados na igreja local, reinava um ambiente de harmonia.

Aos 15 anos, Guilherme deixou a casa onde crescera para completar seus estudos do ginásio em Eisenbach; mesmo distante 6 horas a cavalo de casa, não deixava de aproveitar as delícias da vida familiar sempre que era permitido. O rapaz concluiu seus estudos preparatórios para a universidade no outono de 1796; nesse período pode-se notar grandes lacunas deixadas pela instrução doméstica recebida; em latim, por exemplo, obteve sempre resultados medíocres, em grande parte, consequência do trauma causado pelo método deficiente do barão Knigge.

Desde muito cedo, Guilherme já mostrava inclinações inatas para uma carreira prática e, como outros seus parentes, teria escolhido de bom grado a carreira militar. Mas tal inclinação, ia muito em desacordo com os planos de seus pais que, pretendiam ver o seu filho primogênito, abraçar os estudos acadêmicos para exercer mais tarde, algum alto cargo na administração da província.

Depois de passar alguns dias de férias descansando em “Die Aue”, Guilherme partiu para Göttingen, onde havia se inscrito na célebre universidade hanoveriana. Após um primeiro semestre perdido com estudos jurídicos, Eschwege convenceu a seus pais que a erudição seria algo infrutuoso e que, as atividades práticas, lhe abririam as portas no futuro. Foi assim que ele pode se inscrever para os estudos das ciências chamadas “cameralísticos”, também passou a assistir as lições do professor Blumenbach de ciências naturais, de Lichtenberg sobre física, a arquitetura lhe foi ensinada pelo professor Mueller e, a tecnologia pelo professor Beckmann; ainda teve a oportunidade de seguir aulas de ciências políticas, economia florestal e a comercial.

Desta vez, Eschwege se entregava apaixonadamente aos estudos, sem deixar de lado as atividades práticas, como as excursões e passeatas. À sua Aue, retornava sempre cheio de saudades durante as férias escolares.

Em 1798 Guilherme sofre o primeiro golpe que o destino lhe preparava, a morte de seu pai contribuiu para o amadurecimento do seu caráter, tendo de concluir a sua formação, sem o auxílio condutor do seu querido pai.

Na Páscoa de 1800, Eschwege apresenta-se finalmente para os exames finais e, diante de seus professores, no prazo de 3 horas, respondeu incansavelmente a mais de trezentas perguntas. Vencido este interrogatório, foi aprovado e, pode receber as felicitações dos presentes na sua banca examinadora. Chegou enfim, o final da

despreocupada vida acadêmica; para Eschwege, era chegado o momento de trilhar a estrada que o conduzirá à independência e dignidade.

Antes de retornar a Hesse, Eschwege participou de uma excursão geognóstico-metalúrgica, que o professor Ulmann organizou para as minas Frankberg. Foi nesta ocasião que se encontraram pela primeira vez, Eschwege e Frederico Luís Varnhagen, sem que pudessem imaginar porém, que percorreriam juntos boa parte de suas vidas e , se tornariam grandes amigos.

Após algumas semanas de descanso com sua família, Eschwege conseguiu por intermédio do Ministro Waltz de Eschen, velho amigo de seus pais, um emprego como assessor nas minas fcais de Richelsdorf. Neste cargo, o jovem Eschwege executou todos os trabalhos práticos e, interessou-se pelos serviços de administração das minas que produziam cobre, cobalto e níquel. Na primavera de 1802, se surpreendeu ao receber uma carta do ministro Waltz perguntando se gostaria de aceitar um emprego em Portugal ou no Brasil. Esta surpresa veio ao encontro dos desejos de Eschwege que, acreditava poder ter uma ascensão mais rápida na carreira se, pudesse contar com uma experiência internacional no seu currículo.

O contrato que o ministro lhe propunha, oferecia ótimas condições e foi assinado em Maio de 1802; Eschwege foi então contratado como diretor de minas em Portugal, recebendo por isso, 600 mil réis anuais, além da ajuda de custo da moradia. O prazo do contrato foi estipulado em 10 anos.

A partida para Portugal demorou 1 ano para acontecer, os meses de espera, Eschwege aproveitou para visitar amigos e parentes; quando finalmente partiu, o fez no meio da noite, para poupar a dor da despedida da sua querida família. Chegando a Cassel, encontrou os companheiros, que seguiriam com ele para Portugal. Eram eles Frederico Luís Varnhagen e Martinho Steiffel.

Após um agradável jantar de despedida oferecido pelo ministro Waltz, os três jovens seguiram para Hamburgo; chegando lá, o cônsul português Schuback, lhes entregou dinheiro e passagens para o veleiro “Die Praechtige” que os conduziria em segurança até Lisboa.

### **Em Portugal**

Chegando em Lisboa, os três viajantes se apresentaram ao ministro do tesouro, D. Rodrigo de Souza Coutinho. O ministro logo os enviou para a usina da Foz D’Alge, o que muito desagradou Eschwege devido as péssimas condições em que foram instalados, motivo que o levou a pedir ao ministro a sua transferência para o Brasil;

entretanto, o ministro negou o pedido, prometendo a requerida transferência para em breve.

Como era o costume, chegou o dia marcado para o três jovens engenheiros se apresentarem ao Príncipe Regente D. João VI. Na cerimônia de recebimento, D. João se mostrou satisfeito com a presença dos jovens, se interessou pela procedência de cada um e, recebeu destes, o tradicional “beija-mão”, disse que esperava que lhe fossem fiéis, ao que Eschwege assegurou secamente: “Nós certamente faremos o nosso dever”. Tal afirmação foi aceita pelo soberano, que os dispensou com visível contentamento após renovar o ritual de “Beija-mão”.

Em Julho de 1803, o três jovens profissionais seguiram para seu destino, no profundo vale da Serra da Estrela, na foz do riacho denominado Alge. Localidade de grande solidão, quase desprovida de presença humana, a localização da usina, era desoladora para os três jovens que, logo ao chegarem ali, foram informados dos péssimos resultados obtidos até então e, souberam que teriam como primeiro desafio, reverter a situação e, colocá-la em pleno funcionamento após 40 anos parada.

O intendente geral da usina, Dr. José Bonifácio de Andrada e Silva os recebeu, aparentemente bastante decepcionado, pois o mesmo esperava receber, simplesmente mestres montanhístas; porém, via a sua frente, três jovens muito bem educados, inclusive um nobre entre eles.

Após o primeiro mal estar, o intendente os cumprimentou amavelmente dizendo: “O mal está feito, senhores. Mas, não o aumentemos mais, vamos logo ao trabalho emendar a mão!”. O intendente, já então uma pessoa de destaque nos meios científicos, figura de renome sobre as matérias geológicas e mineralógicas, havia acumulado muitos conhecimentos durante suas viagens por diversos países europeus.

Bonifácio Andrada havia permanecido três anos em Freiberg na Saxônia, sob a tutela do mestre Abraham Gottlob Werner, e com outros geólogos de grande reputação, mantinha relações científicas, sendo sócio de vários institutos científicos. Quando retornou à Portugal, o governos português criou, especialmente para acomodá-lo, a cátedra de geognóse e metalurgia, fora também nomeado intendente das minas e metais, posição em que se encontrava então na usina da Foz d’Alge.

Andrada contava na ocasião, 40 anos de idade, estatura mediana e muito magro. Um rosto pequeno e redondo onde se destacava o nariz fino e adunco, os olhos eram escuros e luzentes, eram pequenos, mas “extremamente vivos”. O cabelo escasso e liso, sempre preso com um rabicho que escondia atrás da gola de seus casacos.

O intendente permaneceu durante 15 dias na usina instruindo os novos técnicos. Assim, ele determinara que Eschwege deveria dirigir os altos fornos, enquanto Varnhagen e Stieffel se responsabilizariam pela organização da refinação e das forjas.

Deveriam, aliás, para tudo que se relacionasse com a usina, dirigir-se a repartição fiscal das minas, em Figueiró dos vinhos, a duas horas de viagem dali.

Desde o primeiro instante, Andrada e Eschwege mostraram simpatia mútua e, este sentimento, ao longo dos anos se tornaria em uma recíproca e sólida amizade.

Longo tempo decorreu até que o intendente conseguisse do príncipe regente as medidas que Eschwege achava necessárias para o perfeito funcionamento da usina. Finalmente em 1º de Julho de 1804, Eschwege é enviado para a Alemanha, com o objetivo de contratar pessoal familiarizado com os serviços da usina. Esta viagem era bastante conveniente para ele, pois assuntos particulares exigiam a sua presença junto da família, recebera muitas cartas dando notícias de que sua mãe estava muito doente e isso lhe preocupava bastante.

No principado de Waldeck, onde a indústria da mineração se achava em decadência, que o emissário português conseguiu contratar o pessoal de que necessitava. Entre eles figuravam o mestre fundidor Schoenewolf, o mestre montanhista Mosebach e o carpinteiro Bomser, os quais serão apresentados mais detalhadamente mais adiante; com os novos funcionários, alguns com suas famílias, Eschwege regressou a Portugal em Dezembro de 1805.

Após nove meses, os trabalhos foram retomados. Na Foz d'Alge, Varnhagen construiu sua própria casa, e também empreendera muitos melhoramentos em um dos altos fornos. Já em Maio de 1806, com a aplicação de pedaços secos de uma ericácia ao invés de carvão, os técnicos conseguiram uma gusa satisfatória, o que alegrou bastante o intendente Andrada. Observou-se porém que, a qualidade do produto obtido não era de altíssima qualidade, pois ficava quebradiço na refinação e, imprestável para certos fins, os especialistas chegaram a conclusão que esse defeito era devido a baixa qualidade do minério local.

Os trabalhos na usina nos meses seguintes foram prejudicados muitas vezes pela falta de matéria prima ou por falta de recursos; isso fez diminuir o interesse de Eschwege, o qual, a partir de então, aceitou varias comissões que o afastaria progressivamente daquelas atividades.

Assim, acompanhado por dois auxiliares, empreendeu uma excursão à aldeia O Vale, próximo a Santarém, onde conseguiu identificar uma jazida de carvão; percorreu ainda as províncias do Minho, Trás os Montes e Beira, estendendo as pesquisas a várias cidades espanholas próximas da fronteira.

Desde de 1807, em Portugal pairavam nuvens escuras. O país se encontrava entre a eterna aliada Inglaterra e a França. Napoleão exigia que Portugal abandonasse a aliada e participasse do bloqueio continental, fechando as portas do reino para os ingleses.

A política portuguesa teve de usar muitos meios para se livrar desta posição crítica, mas, prevendo um desfecho violento da situação, cada vez mais tensa, o governo tomou várias medidas para reforçar os recursos defensivos do país.

O ministro Araújo e Azevedo, posteriormente conde da Barca, estava bastante inclinado ao fomento das indústrias; as usinas deveriam trabalhar para os arsenais do exército, as indústrias metalúrgicas seria então conferido caráter militar; esta novidade teve início com a agregação dos engenheiros alemães á companhia de mineiros do corpo de artilharia, sendo Eschwege nomeado capitão e os demais, tenentes daquela tropa.

O programa do ministro abrangia ainda a reforma dos meios de comunicação. Tocando a Eschwege a elaboração de estudos para uma ponte metálica sobre o rio Santarém. O projeto da ponte ficou pronto e os preparos para a fundição das peças na usina da Foz d'Alge já estavam bastante adiantados, quando tiveram de suspender a produção, a situação política se agravava dia após dia. Pelo mesmo motivo foi indeferido um pedido de Andrada para agregar Eschwege como seu ajudante; este último, forçado ao descanso involuntário, passou os meses do verão de 1807 em Lisboa sob a proteção do ministro Araújo e Azevedo.

No dia 30 de Outubro daquele ano, Napoleão declarava que a casa real de Bragança, deixara de reinar em Portugal. Em 23 de Novembro, o general Junot entrava na cidade de Abrantes com seu exército e, nos dias 26 e 27, Eschwege assistia as impressionantes cenas do embarque da família real e seu numeroso séquito para o Brasil. Na confusão daquele momento, Eschwege não conseguiu encontrar o seu chefe mas, soube mais tarde que, se o tivesse encontrado, também teria recebido ordem para embarcar.

A frota que transportava a corte portuguesa para o Brasil, ainda estava a vista do general Junot, quando este, a frente de um corpo do exército francês, entrou em Lisboa no dia 30 de Novembro. D. João nomeou uma regência que governasse em seu nome, ordenou ainda que não oferecessem resistência aos invasores. Mas essa regência foi logo deposta pelos franceses, exceto o corpo de artilharia.

Quando os franceses iniciaram a cobrança dos tributos de guerra imposto ao povo português, Eschwege recebeu ordens de apresentar-se ao general Maragon, que o fez acompanhar aos cofres da coroa, onde esperava encontrar grandes riquezas. Quando o curador Domingos Vandeli informou aos franceses que o príncipe regente havia levado para o Brasil todo o acervo, o general se mostrou muito furioso por não ter conseguido o seu ambicioso intento.

Algum tempo depois, quando Lisboa começou a sentir a falta do carvão, os franceses decidiram aproveitar o carvão proveniente das minas do país, a Eschwege foi ordenado pelo intendente Andrada, que se colocasse a disposição dos franceses para



esse fim. O alemão recebeu ordens para iniciar a exploração das jazidas de O Vale, o que lhe garantiu um passaporte francês para circular livremente dentro do país.

Logo nas primeiras experiências, Eschwege e seus funcionários correram risco de vida, em consequência de um desmoronamento, pois as camadas carboníferas estavam entremeadas de areia fina e movediça. Ele então dispensou o seu pessoal e em seguida, se exonerou da difícil incumbência. Naquele momento Eschwege decidiu retornar para a usina na Foz d'Alge, e ali soube através de seus amigos que, no centro de Portugal, uma insurreição contra os franceses estava sendo planejada.

Eschwege recebeu a informação de que um exército português estava sendo formado próximo a Coimbra, sob o comando do general Bernardim Freire de Andrada; faltava apenas um entendimento com círculos da Capital, para combinar uma ação coordenada contra os invasores. Eschwege se apresentou aos dirigentes do movimento, oferecendo-se como portador dos despachos secretos que deveriam ser enviados à Lisboa.

O alemão sabia que a tarefa seria difícilíssima, pois o emissário arriscava a vida em dois sentidos, os camponeses fanáticos, tomavam todo estrangeiro por francês e ameaçavam de massacre, os franceses fuzilavam as pessoas suspeitas de manter relações com os patriotas. Porém, Eschwege não se intimidou, demonstrando mais uma vez que, do ambiente em que crescemos, nos vem uma parte fundamental da nossa formação, assim, como todos na sua família, Eschwege se mostrou leal, dedicado e corajoso ao aceitar essa perigosa missão. Ali estava em jogo a salvação de Portugal, e há muito ele desejava dar provas da sua fidelidade ao legítimo soberano do país e, como se esperava, conseguiu executar as ordens recebidas com sucesso.

Após ter dado contas da missão ao governo provisório, consciente de haver contribuído para o feliz êxito da justa causa, partiu para se incorporar ao recém formado exército libertador.

Nomeado comandante da 2ª brigada de artilharia, foi agregado ao general inglês Stuart. A batalha do Vimieiro colocou um fim à invasão. Com a tomada desta localidade estratégica foi selada uma bela vitória portuguesa sobre os franceses. Em 31 de Agosto de 1808, o general Dalrymple, assinou a capitulação de Sintra, permitindo a retirada pacífica dos franceses do território português.

Eschwege licenciado da tropa, retornou para a Foz d'Alge e Novembro de 1808. Mas, embora na usina se experimentassem novos métodos de fabrico, não chegaram a retomar a produção continuada. Os franceses continuavam a ameaçar de invasão e, Eschwege recebeu ordens de acompanhar o general Wiederhold incumbido de fazer um levantamento dos mapas necessários para eventuais batalhas.

Em fins de Julho de 1809, os três engenheiros alemães, souberam ocasionalmente, que já havia dois meses, chegara do Brasil autorização para que

embarcassem todos aqueles que não fizessem falta em Portugal, se quisessem servir ali o final do tempo previsto de seus contratos.

Em virtude dessa autorização, Varnhagen embarcou no dia 06 de Setembro, com sua mulher e um filho. Eschwege, que em 07 de Janeiro de 1810, foi nomeado sócio correspondente da Real Academia de Ciências e Letras de Lisboa, finalmente seguiu para o Brasil, dia 28 do mesmo mês, acompanhado dos funcionários alemães que mencionamos anteriormente, Schoenewolf, Mosebach e Bomsen; ali, Eschwege viveria a parte mais importante da sua vida, onde a sua colaboração seria determinante para o desenvolvimento de uma nação rica e cheia de esperanças.

## **REFERÊNCIAS**

1806 – Magazin der Eisenberg und Huettenkunde, pag 56-59

1812 – Memórias Econômicas da Acad. Real das Ciências, tomo IV, pag 120 – 127

1826 – Memória geognóstica das estratificações das diferentes rochas desde a serra de sintra. Memórias Econômicas da Acad. Real das Ciências, tomo XI, pag 271-280, pag 281-308

1837 – Abreviada exposição do estado da fábrica de ferro de Foz d’Alge. Lisboa, Diário do Governo, nr. 86, pag 491-500

1837 – Hoffmann e Campe – Portugal, um quadro político e social, em esboços e imagens, baseado sobre observações e experiências de trinta anos . 1parte, pag 55-63

1843 – Odologia dos engenheiros construtores, ou guia para a construção e conservação das estradas em Portugal e no Barsil. Lisboa, Tip. Da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, Castro e Irmãos, pag 358-361

1854 – Minutoli, Julius Freiherr – Portugal e suas colônias, Tomo I, pag 402-417

1857 – Varnhagen, Francisco Adolfo – História Geral do Brasil, Tomo II, pag 347-416

1952 – Sommer, Frederico – Eschwege, patriarca da geologia brasileira, arquivo histórico do Instituto Hans Staden, Vol.X, pag 13-21